

COMPORTAMENTO

Funai quer AAA para cuidar de índios de MS

Alcoolismo afeta grande parte dos 24 mil guaranis-caiovas no sul de Mato Grosso do Sul

JOÃO NAVES DE OLIVEIRA
Especial para o Estado

CAMPO GRANDE — A bebida está arruinando a vida de boa parte dos 24 mil índios que habitam a região sul de Mato Grosso do Sul, vivendo em pequenos casebres e apertados em glebas insuficientes para as 22 aldeias espalhadas em 17 municípios. Suicídios — ocorreram 260 nos últimos dez anos —, atropelamentos, agressões e estupros são alguns dos problemas mais comuns que o alcoolismo está trazendo para, pelo menos, 60% dos guaranis-caiovas. O assistente social da Fundação Nacional do Índio (Funai) Jorge Alberto Scolari está treinando grupos de indígenas com membros da Associação dos Alcoólatras Anônimos (AAA) para tentar resolver o problema.

Scolari afirmou que não será um trabalho fácil: o órgão dispõe apenas de um assistente social em Amambai, sede da Delegacia Regional da Funai e onde existe o maior número de alcoólatras. Scolari observou que não existe um levantamento oficial sobre o percentual exato de índios alcoólatras, porém, acredita ser muito alto: são recolhidos milhares de frascos de cachaça nas aldeias. Ele disse que o problema não atinge apenas os adultos, mas também crianças com menos de 10 anos, fato que agrava ainda mais a situação.

A repreensão a esse tipo de crime é feita pela Polícia Federal de Dourados, onde o titular, Lázaro Moreira da Silva, disse que os policiais tentam evitar a venda de bebidas aos guaranis-caiovas, mas a irregularidade ainda ocorre. Segundo ele, o problema aumenta quando os índios deixam de trabalhar

nas usinas onde cortam cana-de-açúcar, pois são contratados apenas por 45 dias do ano. O delegado reconhece que a falta de espaço para os índios desenvolverem culturas é um dos motivos para a bebedeira.

Suicídios — Um grupo de fazendeiros quer expulsar 250 índios guaranis-caiovas de uma área com 500 hectares da Fazenda Alegria, com 2 mil hectares, situada no município de Maracaju, região leste de Mato Grosso do Sul e a 170 quilômetros de Campo Grande. A informação é do advogado Guilherme Ramão Salazar, que

defende o proprietário do imóvel, Sebastião Alves Marcondes, de 77 anos. A gleba é reconhecida como terra indígena pela Funai, mas o fazendeiro discorda. Ele diz que nasceu ali e afirma ter pleno conhecimento de que o local sempre se chamou Fazenda Alegria e nunca Aldeia Sucuriti.

CRIANÇAS
COM MENOS DE
10 ANOS
TAMBÉM BEBEM

923
MS III 1997 # 19
21/5/97
OESP